

Um olhar sobre as personagens femininas da distopia

O caçador de andróides de Philip K. Dick

Amanda Oliveira Lima
Naiara Sales de Araújo Santos

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a distopia *O caçador de Andróides* (1968), de Philip K. Dick, buscando nos pressupostos teóricos do ecofeminismo, evidências que revelem a opressão da natureza e da mulher e as relações que aproximam ambas por meio de analogias e outros processos de um mesmo percurso ideológico. A partir desta análise, perceberemos que o sentimento de superioridade do homem gera percalços em dois níveis: um primeiro em que o ser humano deseja poder e domina a natureza, desmatando, assim, florestas e escravizando animais; e num segundo, se refere à posição da mulher na sociedade e, principalmente, na não participação dela na utilização dos recursos naturais. Assim, engendrando novas perspectivas teóricas de análise do texto literário, o ecofeminismo, este artigo busca compreender as conjecturas de duas personagens femininas apresentadas na obra. É importante destacar que esta análise se constrói a partir de uma reflexão ecológica que a obra discute, além da possível crítica feminista suscitada por meio das personagens.

Palavras-chave: O caçador de Andróides, ecofeminismo, distopia.

1 Introdução

Os avanços tecnológicos e, conseqüentemente, as transformações ambientais advindas deste processo favoreceram o surgimento e a popularização das narrativas distópicas, sobretudo a partir do início do século XX. Obras como *A Máquina do Tempo* (1895), de H. G. Wells, *Nós* (1924), de Evgueni Zamiatine, *Admirável Mundo Novo* (1931), de Aldous Huxley, *1984* (1949), de George Orwell, e *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, dentre outras distopias, contribuíram para uma ampla reflexão social pertinente e necessária em torno dos possíveis resultados do progresso tecnocientífico para a humanidade.

O conceito de distopia aparece, muitas vezes, atrelado à noção de utopia, demandando um conhecimento prévio da segunda para se chegar à compreensão da primeira. Debatendo sobre a origem destes termos, a pesquisadora Carolina Dantas de Figueiredo (2009, p. 325) aponta que:

A criação de mundos perfeitos, de paraísos alcança um passado remoto e pode ser encontrada em diferentes civilizações e grupos sociais ao longo da história. Através do tempo as narrativas sobre estes mundos ideais alcançaram diferentes formas: se num primeiro momento eram marcadas pela influência ou domínio de diferentes divindades e entidades sobrenaturais, as utopias passaram a ser *locus* da ação humana. Perfeitas

não por serem atribuídas a um regimento metafísico qualquer, mas por serem produzidas pelos homens e para os homens.

Ao que parece, o desejo por uma vida perfeita, faz parte dos anseios do ser humano desde os primórdios. Numa perspectiva utópica, divindades e governantes são elementos primordiais para a realização plena deste desejo. No entanto, ao delegar a função de provedor de um mundo perfeito a uma entidade, o homem abre mão de sua própria liberdade, e aquilo que se convencionou chamar livre arbítrio passa a assumir formas diversas. Posto desta forma, questiona-se até que ponto a liberdade humana precisa ser tolhida, e o quão perigoso o outro pode se tornar quando detentor dos direitos delegados por uma sociedade em prol do bem comum. Nesta perspectiva, Figueiredo (2009) comenta:

A utopia é então um passo para a distopia. O século XX vê os projetos utópicos serem colocados em cheque. As revoluções do século anterior não se mostraram suficientes para mudar a humanidade, do mesmo modo, as melhorias prometidas pela tecnologia mostram-se efêmeras e parciais. O homem mostra que não é capaz de dominar a natureza e a vida dos sujeitos não se parecia em nada com as propostas de esclarecimento iluministas, ou de racionalidade positivista. Pelo contrário, a tecnologia se radicaliza de tal forma que parece converter-se em portadora dos medos e temores dos homens. (FIGUEIREDO, 2009, p. 356)

A partir do exposto acima, é possível compreender a distopia como sendo uma narrativa ficcional futurística, fruto de uma inquietação, demandada pelo controle social, alicerçado em práticas advindas de regimes totalitários em uma sociedade passiva e, por vezes, corruptível. Neste contexto, a tecnologia é apontada como instrumento de destruição indispensável para o controle e manipulação da sociedade num cenário de devastação da natureza, gerado a partir da evolução das cidades e do desenvolvimento tecnológico.

Assim, a sociedade passa a sofrer as consequências de seus atos desastrosos para com o meio ambiente: a construção de cidades sem projetos arquitetônicos sustentáveis, a extinção da fauna e da flora, o aceleramento do aquecimento global que derrete as calotas polares e aumenta o nível do mar, dentre outros resultados nocivos à vida no planeta.

Além de fomentar ampla discussão em torno dos problemas ambientais, as distopias são palcos de reflexão sobre os sistemas políticos que controlam a sociedade por meio de um discurso manipulador, levando à falsa impressão de um estilo de vida perfeito quando, na verdade, a ordem é mantida através de um controle corporativo e totalitário, valendo-se dos avanços tecnológicos para a perpetuação do poder. Na maioria das narrativas distópicas há a presença de governos ou grupos ditatoriais que regem a sociedade e tentam, a todo custo, anular a individualidade humana.

Dentro de seu universo narrativo e, pelo seu caráter multidisciplinar, as distopias dialogam com as mais diversas áreas do conhecimento humano: ecologia, filosofia, geografia humanista, história, além de teorias recentes que abordam as relações entre homem e sociedade. Dado que um dos temas recorrentes dos estudos distópicos é a destruição da natureza e o silenciamento das minorias, a teoria ecofeminista parece ser adequada para proporcionar uma análise literária interdisciplinar de *O caçador de Androides*, do Norte Americano Philip K.D em 1968.

2 Breve discussão sobre Ecocrítica e Ecofeminismo

Os estudos da ecocrítica surgiram a partir do momento em que as mudanças no planeta Terra se tornaram visíveis e perigosas para a vida humana. O estremecimento no equilíbrio ecológico fez a

humanidade refletir sobre o quão responsável ela poderia ser por tal desregramento. Tal preocupação fez com que a ecologia ultrapassasse suas fronteiras e se tornasse objeto não só de pesquisas que se concentrassem nas ciências biológicas ou da natureza, mas também pelas ciências humanas e sociais.

As abordagens da ecocrítica ganharam mais visibilidade a partir dos apontamentos da ambientalista social e crítica norte-americana C. Glotfelty, expostos na sua antologia *The Ecocriticism Reader* (1996). Na obra, a autora discute a relação entre a literatura e o ambiente físico, adotando uma abordagem dos estudos literários centrada na Terra, na Natureza e sua relação com o homem.

Assim se constrói a relação entre literatura e ecologia, pois a ecocrítica fornece subsídios para que textos literários sejam analisados a partir de uma abordagem ecológica, ou seja, perceber como a natureza é retratada nas obras literárias. Além disso, é uma forma de se explorar a interação homem-natureza e os resultados catastróficos produzidos por tal relação, frutos do não comprometimento do homem com a preservação do meio ambiente. Assim, um dos objetivos da ecocrítica é explorar conteúdos a respeito das questões ecológicas dentro de textos literários, que apresentam uma realidade mesmo que ficcional.

Como desdobramento da ecocrítica surge o ecofeminismo que, de acordo com o pesquisador Maximiliano Torres: “Simboliza a síntese do ambientalismo atrelado ao feminismo e propõe que a luta pelos direitos da mulher não seja separada da luta pela reparação dos ecossistemas que sustentam a vida” (TORRES, 2009, p. 163). Dessa forma, enquanto a ecocrítica se baseia na ideia de que a pretensa superioridade humana perante a natureza seja a razão da conduta antiecológica, o ecofeminismo se baseia na concepção de que existe uma proeminência do homem em relação à mulher, ou seja, androcentrismo e, da mesma forma que os princípios que legitimaram o antropocentrismo seriam a causa da exploração desenfreada do meio ambiente, o androcentrismo, seria o motivo pelo qual a mulher seria posta em segundo plano na história, da mesma forma que a natureza.

Historicamente, o ecofeminismo é um movimento que surgiu na França, em 1974, idealizado com base na inquietação gerada pelos efeitos da destruição do meio ambiente, bem como a subjugação das mulheres pelos comportamentos e padrões de uma sociedade patriarcal. Assim, acreditava-se que as mulheres seriam de grande ajuda na proteção do meio ambiente, e dar voz a elas de forma a participarem das grandes decisões de como administrar os ecossistemas seria, de fato, uma solução para os problemas ambientais. Ademais, proporcionar um equilíbrio entre as ações do homem e a preservação do ambiente dependia de grandes mudanças.

Neste sentido, a teoria ecofeminista se propõe a fomentar importantes discussões em torno das temáticas inerentes aos movimentos ecológicos e transformações sociais advindas da relação homem-natureza. Nas palavras da crítica Greta Gaard;

Ecofeminism is a theory that has evolved from various fields of feminist inquiry and activism: peace movements, labor movements, women’s health care, and the anti-nuclear, environmental, and animal liberation movements. Drawing on the insights of ecology, feminism, and socialism, ecofeminism’s basic premise is that the ideology which authorizes oppressions such as those based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species is the same ideology which sanctions the oppression of nature.¹(GAARD et al, p. 1, 1993).

1 Ecofeminismo é a teoria que tem envolvido vários campos de investigação e ativismo feminista: movimentos da paz, movimentos relacionados ao trabalho, cuidado e saúde da mulher e movimentos anti-nucleares, ambientais e liberação de

O ecofeminismo contempla uma discussão antiga que não se originou da literatura. No entanto, buscar os princípios desta teoria para a análise literária contribui de forma enriquecedora para a reflexão sobre as distopias, haja vista que estas narrativas trazem em si críticas sociais que são, de uma forma ou de outra, exploradas nos movimentos ecofeministas, tais como a opressão das minorias e as discussões ecológicas. De acordo com a pesquisadora Susan Buckingham (2004):

In teasing out the possible relationship between women's position, gender relations, feminism, and the way in which Western society is seeking to control or manage the environment, eco-feminist writers in the 1970s and 1980s explored the relative importance of essentialism and social construction in these relationships.² (BUCKINGHAM, 2004, p.2)

Pode-se dizer que esta teoria traz também um tipo de reflexão voltada para as comunidades rurais, em que as pessoas dependem diretamente da terra, praticam agricultura e se alimentam de seu próprio plantio. As mulheres, nessas comunidades, são chefes de família, sendo responsáveis, portanto, pelo sustento de seus filhos.

Esta teoria possui um papel importante na luta por direitos dessas mulheres que, por diversas vezes, não são ouvidas em decisões que envolvem a utilização dos recursos naturais. Tais decisões vão influir diretamente na sua qualidade de vida e de seus filhos. A ecofeminista Karren J. Warren (1997) fala um pouco dessa realidade na citação a seguir:

Often the Technologies exported from northern to southern countries only exacerbate the problem of tree, water and food shortages for women. In forestry, men are the primary recipients of training in urban pulp and commodity production plants, and are the major decision makers about forest management, even though local women often know more about trees than local men or outsiders (WARREN, 1997, p.09).³

Nesta passagem, é possível vislumbrar o quanto as mulheres são indispensáveis para que seja possível fazer melhorias em seus próprios lares, pois elas conhecem a terra, a água, as árvores e são dotadas de habilidades que as deixam mais próximas dos elementos naturais. Os homens, por uma questão hegemônica, acabam por serem os porta-vozes dessas mulheres, sem, contudo, suprirem as verdadeiras necessidades dessas famílias.

Ao longo da história, por diversas vezes, uma voz feminina poderia ter feito a diferença, mas a condição de subalterna tem calado sua voz. Segundo a crítica Gayatri Spivak (2010, p.12), subalterno é aquele que faz parte das “(...) camadas mais baixas da sociedade, constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Nesse sentido, as mulheres podem ser consideradas

animais. Adentrando na percepção de ecologia, feminismo e socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécies é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza [tradução nossa].

2 Ao descobrir a possível relação entre a posição das mulheres, relações de gênero, feminismo, e o modo como a sociedade ocidental está em busca de controlar e administrar o meio ambiente, escritores ecofeministas nos anos 1970 e 1980 exploraram a importância relativa do essencialismo e construção social nessas relações. [tradução nossa]

3 Geralmente as tecnologias exportadas de norte ao sul exacerbam o problema das árvores, como também, da água e a carência de comida para as mulheres. Em matéria florestal, os homens são os recipientes primários de treinamentos sobre a retirada da polpa dos frutos e produção de plantas como mercadorias, e os homens também são os principais responsáveis na tomada de decisões sobre a administração das florestas, mesmo que as mulheres locais normalmente saibam mais sobre árvores que os homens locais ou pessoas de fora. [tradução nossa]

seres subalternos, silenciados por modos específicos de exclusão.

Um ponto importante nesta discussão é a relação entre homens e animais. No passado, pouco se discutia essa relação, sobretudo em se tratando da ligação mais próxima das mulheres com os animais. Aqui, vale salientar os efeitos do patriarcalismo mantidos desde as sociedades primitivas, em que a atividade de caça favorecia a figura do homem caçador que manipulava e matava os animais para sobrevivência. As mulheres, por serem consideradas mais frágeis e estarem ligadas à reprodução, ficavam afastadas dessa tarefa.

Outro aspecto que merece destaque nesta discussão é o elemento religiosidade. O homem sempre cultuou deuses ao longo da história, chegando, às vezes, a exercer um papel considerado divino. Sacerdotes, profetas, curandeiros exerciam a função de mensageiros dos deuses, consolidando, ainda mais, os princípios patriarcais. Com isso, a mulher e a natureza estavam sempre ao lado do homem, porém exercendo sempre um papel secundário, embora essencial. Ambas carregavam em si os rótulos de servis e exploráveis, além de fontes inesgotáveis de vida.

Tendo em vista essas convergências entre natureza e mulher, o ecofeminismo é uma teoria capaz de embasar análises literárias, principalmente em distopias como *O caçador de andróides* (1968). Esta obra foi escrita em 1968, um ano de muitas transformações políticas e sociais ao redor do mundo, como a guerra do Vietnã, por exemplo. A obra de Dick narra a história de um planeta Terra também à beira da ruína, onde, depois de uma guerra mundial, muitos migram para Marte, mas boa parte ainda permanece na Terra. A tecnologia é bastante avançada a ponto de ser possível criar andróides tão realistas, que podem se passar por humanos. Na Terra é quase impossível diferenciá-los dos humanos, apenas alguns homens são capazes de identificar quem são os andróides infiltrados entre os humanos, um deles é Rick Deckard. Sua missão é aposentar estes andróides, mas no decorrer da narrativa vemos muitas reviravoltas e reflexões filosóficas a respeito da humanidade e a tecnologia.

As personagens femininas desta obra são secundárias, no entanto muito importantes para a construção dela, são elas: Ann Marsten, secretária humana de Rick Deckard, Priss Stratton a andróide que conhece o debilóide John Isidore, Iran, a esposa de Rick, e Rachael Rosen, a andróide que o ajuda em sua missão. Essa análise se baseará nas duas últimas personagens, pois são as duas que possuem maior envolvimento emocional com o protagonista, e por meio da relação delas com ele é que será possível fazer uma análise ecofeminista.

3 As personagens femininas de Philip K. Dick em *O caçador de Andróides* (1968)

A narrativa se inicia com Rick Deckard acordando com sua esposa, Iran, que, a todo momento, parece muito irritada e descontente, além de fazer severos julgamentos à profissão do marido. Neste mundo futurista existem máquinas que estimulam sensações e sentimentos nas pessoas, como se elas precisassem disso, para não sucumbir à desesperança.

Em uma discussão entre Rick e a esposa Iran, é mencionada uma dessas máquinas, “o órgão condicionador *Penfield*”, que através da discagem de códigos, os seres humanos que estiverem ligados a essa máquina, são estimulados a terem diferentes sensações. No contexto da discussão, Iran comenta ter discado um código que a faz ficar depressiva por quase um dia inteiro, já que ela se sentiu muito incomodada com o fato de não ter sentimentos negativos sobre o edifício vazio, pois muitas pessoas

ou morreram ou se mudaram para Marte, dada a situação deplorável do planeta Terra. Rick fica muito irritado com a atitude dela e a tenta convencer a não fazer isso.

Afinal, esse não parece ser o propósito desta máquina, mas ela explica o porquê disso no trecho a seguir:

Deixara que essa informação permanecesse num segundo plano; como a maioria das pessoas, não queria verificá-la diretamente — Naquele momento — continuou Iran —, quando desliguei o som da TV, eu estava num estado de espírito 382. Acabava justamente de discar isso. De modo que, embora intelectualmente eu ouvisse o vazio, não o sentia. Minha primeira reação foi de agradecimento, porque a gente podia comprar um órgão condicionador Penfield, mas depois, compreendi como isso era doentio, sentir a ausência de vida, não só neste prédio, mas em toda parte, e não reagir, compreende? Acho que não. Mas isso era, antes, considerado como sintoma de doença mental, chamavam a isso de “ausência do afeto apropriado”. (DICK, 1968, p. 5-6)

Nesta passagem observamos que, de fato, deve ser difícil para qualquer pessoa diferenciar humanos e andróides, já que os próprios seres humanos não se sentem como humanos, precisam de uma máquina que regule suas emoções. Ao experimentar a “ausência humana”, Iran se sentiu angustiada, pois não sabia mais como era sentir solidão e todos os sentimentos negativos que fazem um ser normal. Ela resolveu que mesmo por meio do aparelho, ela deveria se sentir deprimida com relação ao mundo em que vive, pelo menos um pouco.

Na perspectiva do ecofeminismo, as mulheres possuem uma sensibilidade maior para com a natureza, por isso são aproximadas a ela. Esta similaridade, algumas vezes, atribui um aspecto negativo para o sexo feminino, pois, assim como natureza, a mulher pode ser considerada um ser selvagem e menos “racional”. No entanto, por uma perspectiva mais otimista, a sensibilidade interpretada como uma característica negativa pode vir a ser uma ferramenta de mudança. Iran resolveu, por um momento, refletir sobre a situação terrível de seu planeta e, ao contrário de Rick, ela não se quer distanciar de sua “humanidade” mesmo que para isso sacrifique sua satisfação emocional, artificialmente construída através da tecnologia. O trecho a seguir demonstra essa reflexão mais profunda que a personagem teve;

Assim, deixei desligado o som da TV, sentei-me ao meu órgão e fiz uns experimentos. Finalmente, descobri uma combinação para desespero. — Seu rosto moreno, animado, mostrou satisfação, como se ela houvesse realizado alguma coisa de valor. — De modo que coloquei isso em minha programação duas vezes por mês. Acho que é um período razoável de tempo para a gente se sentir impotente a respeito de tudo, de ficar aqui na Terra, depois que toda a gente sabida emigrou. (DICK, 1968, p. 6)

Ficar na Terra, poderia significar a morte, dado que a consequência mais devastadora da guerra mundial que houve antes, era a poeira nuclear que se espalhava no ar, e ia matando as pessoas aos poucos, ou as deformando-as a ponto de não serem mais consideradas humanas, ou “úteis”, já que não podiam mais procriar e dar continuidade à civilização humana. No próximo recorte, presenciaremos as dificuldades sofridas por essas pessoas que vivem em um ambiente pouco natural e hostil para a saúde humana, com o intuito de discutir a questão ecológica tratada na obra.

O legado da guerra mundial terminus perdera algo de sua potência; os que não puderam sobreviver à poeira estavam mortos há muito tempo e ela, mais fraca agora e enfrentando sobreviventes mais fortes, apenas desequilibrava mentes e propriedades genéticas. (DICK, 1968, p. 8)

A teoria ecofeminista leva em conta a influência das religiões nas práticas antiecológicas do ser humano, pondo em evidência o fato de que da mesma forma que o homem se vê superior aos elementos naturais

e aos animais, ele também se empenha em subverter a mulher a sua vontade. A crítica Rosemary Redford Ruether (2005, p. 45) discorre sobre o forte antropocentrismo na religião cristã:

Specifically the passage in Genesis 1:26, 'Let us create man in our image, after our likeness and let them have dominion over the fish of the sea and over the birds of the air and over the cattle and over the earth', was the source of a claim to unbridled mastery of humanity over nature that is the root of the ecological crises.⁴

Esse pensamento teve um papel importante na geração de um sentimento de indiferença para com a natureza, e pode ter causado a crise ecológica que vivemos hoje. Para a teoria ecofeminista, certas ideologias, como a descrita na citação acima, precisam ser modificadas. O planeta poderá ser preservado a partir do momento em que as mulheres possam ser ouvidas, pois o sentimento de superioridade do homem diante todas as coisas acarreta muitas consequências negativas para a humanidade.

As distopias não apenas narram histórias futurísticas, elas apresentam os problemas já existentes no presente, e apontam os possíveis resultados catastróficos que eles possam gerar. Tais resultados estão presentes também nas relações pessoais que se mostram superficiais ou inexistentes. Na citação a seguir, notamos a prepotência de Rick com relação à esposa:

Muito bem, desisto. Vou discar. Tudo o que você quiser que eu faça, felicidade sexual extática... Eu me sinto tão mal que suporto mesmo isso. Droga. Que diferença isso faz?
— Eu disco para nós dois — ofereceu-se Rick e levou-a para o quarto. Ao consolo da esposa, discou 594, o satisfeito reconhecimento da sabedoria superior do marido em todas as coisas. (DICK, 1968, p. 7)

Após uma longa discussão com o marido, Iran acaba por ser vencida pela insistência dele em decidir por ela, até mesmo em controlar suas emoções. Notamos uma típica situação em que o marido é o guardião e provedor da esposa, e, portanto, se sente no direito de persuadi-la a fazer sua vontade. Assim, em um mundo caótico e superficial, onde quase não há mais vida natural, buscamos a premissa do ecofeminismo em que:

[...] the ideology which authorizes oppressions such as those based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species is the same ideology which sanctions the oppression of nature.⁵(GAARD et al., 1993, p. 1)

É viável perceber que, possivelmente, o planeta se encontra em condições deploráveis na obra de Dick, como resultado de uma sociedade que se sentia e se sente superior à natureza da qual, na verdade, necessita vitalmente. E essa ideologia de opressão e domínio da mesma, também se faz presente na relação homem e mulher. Essas relações estão diretamente ligadas e podem ser a causa de tantos infortúnios gerados pela devastação do meio ambiente. A outra personagem feminina muito

4 Especificamente a passagem em Gênesis 1:26, 'Vamos criar o homem à nossa imagem, à nossa semelhança e deixá-los ter domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do ar e sobre o gado e sobre a terra', foi a fonte de uma reivindicação ao domínio desenfreado da humanidade sobre a natureza que é a raiz da crise ecológica. [tradução nossa]

5 Ecofeminismo é a teoria que tem envolvido vários campos de investigação e ativismo feminista: movimentos da paz, movimentos relacionados ao trabalho, cuidado e saúde da mulher, e movimentos anti-nucleares, ambientais e liberação de animais. Adentrando na percepção de ecologia, feminismo e socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécies é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza [tradução nossa]

importante na obra é Rachael Rosen, classificada como uma androide Nexos 6, isto é, uma androide construída para se parecer infinitamente igual a um ser humano.

Mais uma vez retomando a ideia de que as distopias não retratam apenas um cenário futurístico, na obra de Dick elas representam a realidade vigente. Mesmo em um suposto futuro evoluído, as mulheres continuam sem ter a liberdade de decidir sobre muitas coisas, como por exemplo, seu próprio corpo;

— Você é engravidada — continuou Rick — por um homem que prometeu casar com você. O homem vai embora com outra mulher, sua melhor amiga. Você faz um aborto e...

— Eu nunca faria um aborto — retrucou Rachael — De qualquer modo, não posso. Significa prisão perpétua e a polícia anda sempre vigilante. — Desta vez, ambos os ponteiros saltaram violentos para o vermelho. (DICK, 1968, p. 30)

É importante ressaltar que se trata de uma obra que ao que tudo indica, tenta alertar para as adversidades que a civilização humana irá enfrentar, e já enfrenta. Muitas vertentes do movimento feminista incluem em suas pautas a questão da liberdade de escolha da mulher de ser mãe ou não. Aqui no Brasil, há algumas exceções de liberação do aborto, como em casos de estupro. Já em outros países, o aborto somente é possível em último caso, como na Irlanda. Renata Martins (2017)⁶, é responsável por uma matéria sobre o assunto em um site de notícias:

Segundo a Anistia Internacional, o país tem uma das leis de aborto mais restritivas do mundo, sendo considerado pela organização injusto e intolerante em relação às mulheres. O aborto é permitido somente em caso de risco à vida da gestante. Há casos documentados pela Anistia em que o aborto foi negado a mulheres cujos fetos já estavam mortos em seus ventres; obrigando-as a prosseguir com a gravidez durante meses. O aborto ilegal pode render uma pena de até 14 anos de prisão.

Sendo assim, o autor de *O caçador de Androides* (1968) talvez estivesse manifestando uma crítica à legislação de proibição do aborto, visto que, toda a sua obra configura críticas às ações humanas, não somente com relação a destruição do planeta, mas também com as regras político-sociais regidas pelo governo. Tolher a liberdade das mulheres aparenta ser um aspecto negativo dessa sociedade que vive de ruínas, tecnologia avançada e quase nenhuma liberdade. Isso demonstra que a sociedade representada na obra de Dick, é orientada pelo patriarcalismo, onde os homens possuem direitos sobre tudo, enquanto os das mulheres são silenciados. Neste sentido, as pesquisadoras Lorena Lúcia Monteiro e Lívia Freire Silva falam sobre divisões de trabalho:

Engels e Marx se referem a relação homem/mulher como a primeira divisão do trabalho já feita, a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. Diz ainda que esse período dura até nossos dias(...). (MONTEIRO, SILVA, 2018, p.3)

É problemática essa percepção de que esse primeiro princípio de opressão do ser feminino ainda perdura até hoje. Mesmo considerando que muitas mudanças já aconteceram através da luta das mulheres por seus direitos, ainda há muito o que refletir e discutir para converter essas divisões de trabalho em condições igualitárias.

6 No site <https://www.dw.com/pt-br/a-legisla%C3%A7%C3%A3o-sobre-aborto-no-mundo/a-41414071> é possível encontrar a matéria sobre a legislação do aborto na Irlanda e em outros países.

Outro ponto interessante destacado na obra, que se adequa perfeitamente à teoria ecofeminista é a exploração dos animais. Os animais fazem parte da dominação humana e assim como as mulheres, eles pertencem a uma categoria inferior na lógica patriarcal.

A população que permanece no planeta vive enclausurada em cidades decadentes e vazias, envenenada pela radiação que danifica seus genes. A maioria dos animais foi extinta e possuir um deles é uma prova distinta da empatia humana, mas principalmente é um símbolo de status. Quanto mais raro o animal, maior o status do proprietário. Pessoas que não podem pagar por um animal de verdade compram animais sintéticos. (DICK, 1968, p. 2)

Percebe-se que a extinção animal se deu pela radiação produzida nas guerras. Consequentemente, os homens tentam, de certa forma, sanar tal problema, responsabilizando-se pelos animais que restaram. Em contrapartida, a comercialização desses animais gerou uma obsessão por parte da população que detinha maior poder aquisitivo, eram vendidos em um catálogo e eram vistos como valores aquisitivos, pois a quantidade de animais que uma pessoa possuía a classificava como alguém da elite ou não. Lorena Lúcia Monteiro e Livia Freire Silva discorrem sobre:

A crueldade com os animais é algo percebível dentro das relações sociais na sociedade nativa e na nossa. A base econômica de nossa sociedade é de exploração, seja ela de indivíduo para indivíduo, como correu no Brasil como colônia de extração, até os dias de hoje, ou a exploração animal. As relações de exploração não permanecem estagnadas, sempre tem que ser revigoradas de alguma forma, o capitalismo tem que se adequar para suprir as necessidades humanas. O que se pretende dizer aqui, é até onde essas necessidades são usadas como ética e respeito aos demais. (MONTEIRO, SILVA, 2018)

Os personagens da obra de Dick acreditam estar reparando seus erros que levaram a extinção dos animais. No entanto, estão apenas tentando se livrar da culpa, saciando suas “necessidades humanas”.

O planeta Terra do futuro descrito por Philip K. Dick é um lugar onde as pessoas se tornam cada vez mais solitárias, vivendo em redes sociais virtuais sem nenhuma interação real. A tecnologia é renovada todos os dias, graças a fábricas que poluem o ar e os rios, tornando a vida natural cada vez mais insustentável.

4 Considerações finais

A reflexão proposta em *O caçador de andróides* (1968) permite que o leitor pondere sobre questões bastante atuais, como práticas antiecológicas e a possível origem do comportamento humano associados ao posicionamento pouco privilegiado da mulher na sociedade.

Nesse sentido, é significativo o estudo das distopias, haja visto sua capacidade capazes de descrever repercussões futuras da ação leviana do ser humano para com o seu planeta, além de serem atemporais, uma vez que podem ser analisadas como críticas à situação atual.

Ao estudar as personagens femininas da obra, se torna viável recorrer ao aporte de uma teoria que surge do feminismo mesclado com a ecologia. O ecofeminismo se tornou, dessa forma, crucial para tal análise.

Assim sendo, concebemos a literatura como um dispositivo capaz de revelar vozes femininas, como nas personagens Rachael e Iran, que, mesmo inconscientemente, sofrem com o sistema patriarcal ao qual são forçadas a pertencer.

**A look about the female characters of the dystopia *O caçador de androides*
by Philip K. Dick**

ABSTRACT

The present work aims to analyze the dystopia *O caçador de Androides* (1968) by Philip K. Dick, in light of the ecofeminist theory, that is a theory in which oppression of nature and oppression of women are part of the same ideology. In which the feeling of superiority creates obstacles on two levels, at first in which the human wishes to have power and dominate the nature with that intention, deforesting forests and enslaving animals. A second level refers to the position of women in society and especially their non-participation in the use of natural resources. Thus, through the ecofeminist theory, this article seeks to understand the conjectures of two female characters represented in the work. The focus of this analysis is the ecological reflection that the work discusses, in addition to the possible feminist critique pointed out through the characters.

Keywords: O caçador de Androides, ecofeminism, dystopia.

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, Susan. Ecofeminism in the twenty-first century. *The Geographical Journal*, [s.l.], v. 170, n. 2, p.146-154, 23 jun. 2002. <http://dx.doi.org/10.1111/j.0016-7398.2004.00116.x>.

CIARDO, Fernanda. Do Aborto - Artigo 124 a 128 do Código Penal. Disponível em: <<https://ferciardo.jusbrasil.com.br/artigos/177420435/do-aborto-artigo-124-a-128-do-codigo-penal>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

DICK, Philip K. *O caçador de Andróides*. Estados Unidos: Aleph, 1968.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Da utopia à distopia: política e liberdade. *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Pernambuco, v. 01, n. 03, p.324-362, jul. 2009.

GAARD, Greta et al (Ed.). *Ecofeminism: “women, animais, nature”*. Filadélfia: Temple University Press, 1993.

MARTINS, Renata. A legislação sobre aborto no mundo. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-legisla%C3%A7%C3%A3o-sobre-aborto-no-mundo/a-41414071>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

MONTEIRO, Lorena Lúcia C.; SILVA, Livia Freire da. Ecofeminismo e abolição animal: Quebra da lógica patriarcal por um novo paradigma. Disponível em: <<http://www.abolicionismoanimal.org.br/artigos.php?cod=16>>. Acesso em: 06 ago. 2018.

RUETHER, Rosemary Radford. *Integrating Ecofeminism Globalization and World Religions*. Lanham, Maryland: Rowman And Littlefield Publishers, Inc., 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EditoraUFMG, 2010.

TORRES, Maximiliano. O ecofeminismo: “Um termo novo para um saber antigo”. *Rio de Janeiro, Terceira Margem*, v. 1, n. 20, p.157-175, jun. 2009.

WARREN, Karren J. Taking Empirical Data Seriously, An Ecofeminism Philosophical Perspective. In: _____. *Ecofeminism: “Women Culture Nature. Bloomington e Indianapolis”*: Indiana University Press, Cap 1, 3-20, 1997.

MINIBIOGRAFIA

Amanda Oliveira Lima

Licenciada em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Mestrado em Letras em andamento pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Naiara Sales Araújo Santos (Orientadora)

Possui doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Metropolitana de Londres e Pós-doutorado pela Universidade de Granada. Atualmente professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).